



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confédération Geral do Trabalho *

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Címbro, 36-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. Tathaba - Lisboa • Telefone:

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O novo horário

A despeito das reiteradas tentativas feitas pelos representantes das associações comerciais e industriais, no intuito de conseguirem evitar que o regulamento das 8 horas hoje entrasse em vigor, não viram desta vez aqueles excessos varões coroados de exuto os seus desesperados esforços.

O regulamento, mal grado seu, começa hoje efectivamente a adoptar-se, e essa regalia só não será absolutamente respeitada se porventura houver trabalhadores que, contra o que esperamos, se submetam docilmente a possíveis pressões de alguns industriais ou comerciantes, na certeza de que não deixarão de haver patrões que não teatam, num último esforço, anular essa regalia que, não há dúvida, vai abranger um grande número de salários, embora algumas das mais importantes classes, como as dos trabalhadores rurais e ferroviários, tenham sido excluídas da lei, não sabendo porque este critério.

Disse-se que os magnates do comércio e da indústria, no propósito de impedirem a todo o transcurso que o regulamento hoje entrasse em vigor, pretendiam fechar os respetivos estabelecimentos, o que seria um espetáculo curioso, mas, reflectindo, parece que desistiram desse intuito, certamente convencidos de que um mal gesto da sua parte poderia dar lugar a acontecimentos sérios, em decididamente as talas "fórcas vivas", como só por irrisão temos visto cognominar pesos mortos, que representariam um papel agravável.

Não realizam os sindicatos patronais o anúncio do "clock-out", mas tomou fundadas razões para temer que não desistirão de fazer

ludem-se aqueles que supõem que as entidades oficiais, no caso dum presumível ataque à regalia que vem de ser sancionada pelo Estado, repelirão esse ataque por intermédio dos seus múltiplos agentes.

Não tenha o operariado confiança em que tal suceda, porque a experiência ensina-nos que os órgãos governamentais só são rigorosos quando se trata do combate aos trabalhadores. Sempre que são os poderosos a claudicar, os olhos oficiais nada vêm, e a comprovar esta asserção está o facto dos governantes e os seus agentes, tam severos em regra para com os que produzem, o não serem para com as talas "fórcas vivas" ainda quando elas, como presentemente, promovem, pela escassas do género, pela sua carestia ou falsificação, uma vida insuportável.

Confiamos, portanto, aponos no próprio esforço.

Em defesa da Revolução

em-se todas as fracções do socialismo russo

Um apelo dos moderados

Em reunião celebrada em Moscovo os membros mais conhecidos do partido socialista revolucionário da direita, residentes na capital vermelha e por numerosos delegados de província ao novo Conselho do Partido, decidiram encarregar um apelo aos aderentes do Partido Socialista Revolucionário. O apelo, firmado por Vólski, ex-presidente do Congresso dos Membros da Constituição, Rakitnikov, Burevski, Sviazhski e outros, foi reproduzido pela *Investiga*:

A revolução de Outubro fez perder ao nosso Partido a sua posição avançada, lançando-o para a direita. Desde então estão os bolcheviques à testa do movimento revolucionário, tendo conduzido a Revolução pelo caminho da realização do programa revolucionário. A hostilidade contra a sua tática, assim como - digamo-lo sinceramente - um falso amor próprio de partido, levaram o nosso Partido, na sua luta contra os bolcheviques, infinitamente mais longe que o consentem os princípios fundamentais do nosso programa e da nostra tática. Há muito tempo, provaram claramente os factos, que nós tomámos uma posição errada.

Os sinistros admitem que os escritos e declarações dos representantes do partido no estrangeiro parecem emanar de contra-revolucionários, até aos próprios socialistas ocidentais. Afirmam que o seu ideal é a revolução social na Rússia e em todo o mundo.

Condiam severamente a conduta iníqua da Junta Central e do novo Conselho do Partido e reconhecem que só os bolcheviques souberam manter as conquistas fundamentais da Revolução, supressão do despotismo, da propriedade privada terreal, de todas as antigas formas de exploração das massas trabalhadoras, em suma, do jugo económico da burguesia.

Estas conquistas, continua o apelo que estamos resumindo, devem ser conservadas a todo custo, e a luta contra a burguesia mundial exige um acordo de todos os partidos socialistas sobre a base da representação popular soviética.

Os autores do apelo temem condenar a uma luta activa contra a reacção todos os seus camaradas e simpatizantes que se acham no exército vermelho e incitando os que estão alinhados nos exércitos brancos de Kolchak e Dénikin a voltarem as armas contra os usurpadores reaccionários.

Os ataques da burguesia mundial contra a revolução produzem este efeito: a cada vez mais estreita entre os socialistas de todos os matizes, desde o moderado até ao anarquista. E de nada valem as calúnias e intriga burguesas.

Os autores do apelo temem condenar a uma luta activa contra a reacção todos os seus camaradas e simpatizantes que se acham no exército vermelho e incitando os que estão alinhados nos exércitos brancos de Kolchak e Dénikin a voltarem as armas contra os usurpadores reaccionários.

Vieram-nos saudar e afirmar-nos que, a despeito de todas as perseguições, continuaram prestando o seu concorso aos que lutam pela emancipação do proletariado.

Os deportados do "Béria,

foram ontem postos em liberdade

Os camaradas Juliano Portões, Ricardo Perpetuo, José Maria de Carvalho, e António Costa Coelho, que há dez dias chegaram do Brasil, donde foram expulsos por professarem ideias avançadas, a bordo do paquete "Gelria", foram ontem postos em liberdade, assim como os camaradas José da Costa Soares, António de Almeida Resolviado e José Maria Esteves, que antecederam que o "Demerara", ao Tejo.

Vieram-nos saudar e afirmar-nos que, a despeito de todas as perseguições, continuaram prestando o seu concorso aos que lutam pela emancipação do proletariado.

O "lock-out" patronal

na Catalunha

MADRIS, 31 - A situação em Barcelona, em resultado do "lock-out" geral, anunciado para 3 de novembro próximo, preocupa vivamente o governo, que além disso está contrariado com as manobras de certos elementos, não exclusivamente civis que buscam derrubá-lo. - H.

A Conferência de Washington

A participação da C. G. T. francesa - Pelo telégrafo sem fios a "leade" sem vergonha!

Continua em França a discussão entre maioritários e minoritários sobre a participação da C. G. T. francesa na Conferência governamental de Washington.

Os primeiros sustentam que o Congresso de Líao, tendo aprovado o relatório moral da Comissão Administrativa, aprovou por isso mesmo a delegação a Washington. Este relatório expunha a ação internacional da C. G. T. e a sua participação no Congresso de Amsterdam, o qual decidiu precisamente a ida a Washington, sob certas reservas, certas condições explicitamente formuladas.

Que Monatte observa: "Raciocinando desta maneira, pode-se dizer que ninguém terá o direito de arregalar os olhos quando se souber das nomeações de 'adidos sociais' junto das embaixadas. Decisão de Amsterdam, dirá solenemente Jouhaux. O Congresso de Líao não disse palavra a tal respeito. Quem cala, consente. Em vão responderes que, se não, se falou disso de modo preciso, repudiou-se de uma maneira geral e em conjunto essa espécie de coacção.

Monatte refere-se à moção votada pela própria maioria e na qual se confirmava a resolução de Amiens, que é a carta constitucional do sindicalismo revolucionário independente.

Demais, a ida a Washington foi decidida em Amsterdam "sob certas reservas" - o que também delegados alemães e austriacos. "Ora, escreve Monatte, o *Temps* de 13 de Outubro anuncia, basculando-se no *Vorwaerts*, que os sindicatos alemães e austriacos não assistiram à conferência de Washington, esperando que os sindicatos dos países neutros se recusem também tomar parte nela".

Que afinal, como notam os alemães e austriacos, a participação não dos alemães e austriacos é a maior das deputações que entedemessas.

Sim, isto é que está a origem do conflito. Os marítimos reuniram, então, juntamente com as classes de terra e declararam, por intermédio do presidente do seu sindicato, que o peixe vinha de fora, inclusivamente de Lisboa, em nafta, a quem se importava de tratar com os marítimos, venderiam aquele peixe nas condições de tempos de guerra, pagando-o a quem lhes devesse dinheiro, ficando incumbida uma comissão formada por societários dos círcos e de industriais de regularizar, de futuro, a forma de pagamento, a fim de se evitarem dissabores para qualquer das partes. A comissão marítima, vendo nisso a sua proposta a solução do conflito, aceitou-a, fazendo a declaração de que não teriam os marítimos dúvida em, se os industriais que lhes devem dinheiro regularizassem a situação, colocá-los na situação dos seus colegas, no que diz respeito a crédito. Quando calhou essa reunião, a comissão marítima foi para o cais, onde os seus camaradas os desacataram, isto quando já estavam vendidos três barcos. Em face desta atitude, as classes de terra consideraram-na uma afronta, que entenderam repelir, deliberando trabalhar o peixe importado por via marítima, isto em consequência da ameaça dos marítimos de pôr os cercos em terra.

— Mas as autoridades marítimas não tentaram intervir?

— Efectivamente, dias depois, confeccionando o capitão do porto com os delegados dos industriais e das classes de terra, propôs a sua mediação, que o aceite. Quando a tentou efectivar, não conseguiu, porque os marítimos insistiram por uma conferência com os industriais, quando nós, devido à sua intransigência, tinhamos cortado as relações. Todavia, acabámos por aceitar uma entrevista, de que não saiu.

— E a sua impressão geral sobre o conflito, qual é?

— Sim, isto é que está a origem do conflito. Os marítimos reuniram, então, juntamente com as classes de terra e declararam, por intermédio do presidente do seu sindicato, que o peixe vinha de fora, inclusivamente de Lisboa, em nafta, a quem se importava de tratar com os marítimos, venderiam aquele peixe nas condições estabelecidas há cerca de 20 anos ou seja: que o peixe comprado durante a semana fosse pelos industriais pago ao sábado. Essa deliberação não se estendia a todos, mas só aqueles que comprassem sardinha em Lisboa. Além disso, que representava um compromisso de hostilidades, proibiram às suas mulheres e filhas que trabalhassem nessas fábricas.

— A hostilidade dos trabalhadores do mar, limitou-se a isso?

— Não. Tendo vindo peixe a Setúbal, colhido pelos círcos dos societários, foi recusado o crédito à firma Santana Lda., acreditadíssima nas práticas de Setúbal e Lisboa, e que sempre satisfaz integralmente os seus compromissos com os marítimos, como, aliás, eles próprios confessaram numa reunião realizada na Associação Industrial e a que assistiram delegados de todas as classes. Não concordando o representante da firma Santana Lda. com as condições impostas, o peixe tornou a ser vendido a outra firma, recusando-se as classes de terra a trabalhar-lo porque, a aceitar-se o preço, isso acarretaria-lhes sérios prejuízos. Como se tornasse a repetir o mesmo caso na *lot*, visto que os marítimos continuavam mantendo as suas imposições, os industriais filiados na secção de conservas da Associação Industrial resolveram não comprar mais

— E que fizeram então os industriais?

— Prevendo essa crise, e querendo evitá-la, pregaram às classes operárias da conserva se importavam de tratar com peixe importado doutros pontos do país, ficando combinado que essa importação se fizesse por via terrestre.

— Nisso é que está a origem do conflito?

— Sim, isto é que está a origem do conflito. Os marítimos reuniram, então, juntamente com as classes de terra e declararam, por intermédio do presidente do seu sindicato, que o peixe vinha de fora, inclusivamente de Lisboa, em nafta, a quem se importava de tratar com os marítimos, venderiam aquele peixe nas condições estabelecidas há cerca de 20 anos ou seja: que o peixe comprado durante a semana fosse pelos industriais pago ao sábado. Essa deliberação não se estendia a todos, mas só aqueles que comprassem sardinha em Lisboa. Além disso, que representava um compromisso de hostilidades, proibiram às suas mulheres e filhas que trabalhassem nessas fábricas.

— A hostilidade dos trabalhadores do mar, limitou-se a isso?

— Não. Tendo vindo peixe a Setúbal, colhido pelos círcos dos societários, foi recusado o crédito à firma Santana Lda., acreditadíssima nas práticas de Setúbal e Lisboa, e que sempre satisfaz integralmente os seus compromissos com os marítimos, como, aliás, eles próprios confessaram numa reunião realizada na Associação Industrial e a que assistiram delegados de todas as classes. Não concordando o representante da firma Santana Lda. com as condições impostas, o peixe tornou a ser vendido a outra firma, recusando-se as classes de terra a trabalhar-lo porque, a aceitar-se o preço, isso acarretaria-lhes sérios prejuízos. Como se tornasse a repetir o mesmo caso na *lot*, visto que os marítimos continuavam mantendo as suas imposições, os industriais filiados na secção de conservas da Associação Industrial resolveram não comprar mais

— E que fizeram então os industriais?

— Prevendo essa crise, e querendo evitá-la, pregaram às classes operárias da conserva se importavam de tratar com peixe importado doutros pontos do país, ficando combinado que essa importação se fizesse por via terrestre.

— Nisso é que está a origem do conflito?

— Sim, isto é que está a origem do conflito. Os marítimos reuniram, então, juntamente com as classes de terra e declararam, por intermédio do presidente do seu sindicato, que o peixe vinha de fora, inclusivamente de Lisboa, em nafta, a quem se importava de tratar com os marítimos, venderiam aquele peixe nas condições estabelecidas há cerca de 20 anos ou seja: que o peixe comprado durante a semana fosse pelos industriais pago ao sábado. Essa deliberação não se estendia a todos, mas só aqueles que comprassem sardinha em Lisboa. Além disso, que representava um compromisso de hostilidades, proibiram às suas mulheres e filhas que trabalhassem nessas fábricas.

— A hostilidade dos trabalhadores do mar, limitou-se a isso?

— Não. Tendo vindo peixe a Setúbal, colhido pelos círcos dos societários, foi recusado o crédito à firma Santana Lda., acreditadíssima nas práticas de Setúbal e Lisboa, e que sempre satisfaz integralmente os seus compromissos com os marítimos, como, aliás, eles próprios confessaram numa reunião realizada na Associação Industrial e a que assistiram delegados de todas as classes. Não concordando o representante da firma Santana Lda. com as condições impostas, o peixe tornou a ser vendido a outra firma, recusando-se as classes de terra a trabalhar-lo porque, a aceitar-se o preço, isso acarretaria-lhes sérios prejuízos. Como se tornasse a repetir o mesmo caso na *lot*, visto que os marítimos continuavam mantendo as suas imposições, os industriais filiados na secção de conservas da Associação Industrial resolveram não comprar mais

— E que fizeram então os industriais?

— Prevendo essa crise, e querendo evitá-la, pregaram às classes operárias da conserva se importavam de tratar com peixe importado doutros pontos do país, ficando combinado que essa importação se fizesse por via terrestre.

— Nisso é que está a origem do conflito?

— Sim, isto é que está a origem do conflito. Os marítimos reuniram, então, juntamente com as classes de terra e declararam, por intermédio do presidente do seu sindicato, que o peixe vinha de fora, inclusivamente de Lisboa, em nafta, a quem se importava de tratar com os marítimos, venderiam aquele peixe nas condições estabelecidas há cerca de 20 anos ou seja: que o peixe comprado durante a semana fosse pelos industriais pago ao sábado. Essa deliberação não se estendia a todos, mas só aqueles que comprassem sardinha em Lisboa. Além disso, que representava um compromisso de hostilidades, proibiram às suas mulheres e filhas que trabalhassem nessas fábricas.

— A hostilidade dos trabalhadores do mar, limitou-se a isso?

— Não. Tendo vindo peixe a Setúbal, colhido pelos círcos dos societários, foi recusado o crédito à firma Santana Lda., acreditadíssima nas práticas de Setúbal e Lisboa, e que sempre satisfaz integralmente os seus compromissos com os marítimos, como, aliás, eles próprios confessaram numa reunião realizada na Associação Industrial e a que assistiram delegados de todas as classes. Não concordando o representante da firma Santana Lda. com as condições impostas, o peixe tornou a ser vendido a outra firma, recusando-se as classes de terra a trabalhar-lo porque, a aceitar-se o preço, isso acarretaria-lhes sérios prejuízos. Como se tornasse a repetir o mesmo caso na *lot*, visto que os marítimos continuavam mantendo as suas imposições, os industriais filiados na secção de conservas da Associação Industrial resolveram não comprar mais

— E que fizeram então os industriais?

— Prevendo essa crise, e querendo evitá-la, pregaram às classes operárias da conserva se importavam de tratar com peixe importado doutros pontos do país, ficando combinado que essa importação se fizesse por via terrestre.

— Nisso é que está a origem do conflito?

— Sim, isto é que está a origem do conflito. Os marítimos reuniram, então, juntamente com as classes de terra e declararam, por intermédio do presidente do seu sindicato, que o peixe vinha de fora, inclusivamente de Lisboa, em nafta, a quem se importava de tratar com os marítimos, venderiam aquele peixe nas condições estabelecidas há cerca de 20 anos ou seja: que o peixe comprado durante a semana fosse pelos industriais pago ao sábado. Essa deliberação não se estendia a todos, mas só aqueles que comprassem sardinha em Lisboa. Além disso, que representava um compromisso de hostilidades, proibiram às suas mulheres e filhas que trabalhassem nessas fábricas.

— A hostilidade dos trabalhadores do mar, limitou-se a isso?

As epidemias

A Câmara Municipal, prevendo a hipótese duma nova epidemia de febre pneumónica ou de tifo, vai tomar providências.

O sr. Alberto Tota informou em sessão da comissão executiva, que ele, orador acompanhado de superintendente do serviço de limpeza e regas da cidade, procurará o sub-delegado de saúde afim de se informar do estado da capital e de ver, segundo as declarações daquele clínico, quais as medidas que porventura seria necessária adotar.

O sr. dr. Gonçalves Marques disse que no ano passado se haviam desenvolvido duas epidemias com uma certa intensidade: o tifo exantemático e a pneumónica. Corria-se, pois, o perigo de elas se desenvolverem novamente no inverno próximo. A pneumónica se apresentará de carácter benigno mas o mesmo não sucederá com o tifo exantemático, que, não obstante os cuidados havidos e dos esforços empregados pela brigada médica para debelar por completo uma tão grave doença, que tantas vitimas causou, se tem conservado em estado insípido, principalmente nos grandes aglomerados de população. Perguntando ao sub-delegado de saúde quais as medidas profiláticas com carácter urgente que entenda deveriam ser adotadas, aquele clínico declarou que se impunha que no principal foco de irradiação se construísse com urgência um balneário provisório, com o respectivo posto de despolhamento e estufa, para desinfecção das roupas. O foco perigoso, segundo afirmou o sr. sub-delegado de saúde, era o perímetro da cidade conhecido pelo Casal Ventoso, Terramontes, rua Maria Pia, Cascalheira, Alto Sete Moinhos. O orador terminou por enviar para a meza a seguinte proposta:

Uma façanha dum desses "beméritos" cidadãos

Na travessa de Santo António, à Graça, existe um prédio, que ocupa os números 21 a 25, que há pouco foi comprado por um sr. Delgado, pela quantia de 6 contos. Esse indivíduo, é proprietário de várias mercearias e, antes de comprar o prédio em questão, tinha alugado uma parte, onde ficar os caixeiros dos seus estabelecimentos, pelo que pagava uma renda mensal de 5 escudos. Pois agora, que é o proprietário, mandou sair os caixeiros, alugando os compartimentos que elas ocupavam por 16 escudos, obrigando-se ainda a novo inquilino a fazer obras, porque os antigos locatários deixaram os vários compartimentos na maior imundice.

En venham para cá dizer que a exploração que se está fazendo com a habitação, não é caso para desatarmos a gritar ó da guarda, a plenos pulmões!

Um senhor desumano

Na rua Sabino de Souza, num prédio de um carvoeiro, conhecido pelo Romão, residia o trabalhador do cemitério do Alto de S. João, Mafaldino da Graça, sua mulher Maria da Conceição Graça e duas filhas, Albertina, de 18 anos e Palmira de 17. Tendo-se o Graça, por dificuldade da vida atraçado no pagamento da renda da casa, o senhor despediu-o, e dando por esmola um pátio descoberto para pôr a mobília e ali ficar aquela infeliz família.

Toda a vizinhança não gostou da ação do miserável senhorio, e tantas coisas se disse do carvoeiro, que este, sem dô nem consciência os pôs fôra do pátio, indo a pôr a família dormir ao relento com a mobília para o fundo da referida rua, causando este facto um espécie de doloroso.

No caso devia ter intervindo a polícia, mas esta não dei providências, pois apenas se preocupa em perseguir os operários conscientes.

Perseguições governamentais

Comissão Pró-Presos por questões sociais

Tratou ontem, esta comissão, da situação dos camaradas presos, tendo de tarde, uma sub-comissão ao encontro do director da polícia de segurança do Estado, a quem mostrou um documento da comissão municipal republicana da Nazaré, que protesta contra a arbitrariedade praticada pelo administrador para com o camarada José Maria Robalo Júnior, esperando essa comissão que o referido camarada seja hoje remetido para aquela localidade.

Esta comissão recebeu da Associação dos Carpinteiros a quantia de 10\$000 com destino aos camaradas expulsos do Brasil e que ontem foram restituídos à liberdade.

Recebeu também, como auxílio, \$50 de rural Salema; da Associação dos Cortadores de Lisboa, \$6\$15, provenientes de uma queite efectuada na sessão do dia 30; de Claudio V. Lourenço, \$100; de A. P. A., \$100; de Alberto Müller, \$50 e de Francisco Lopes de Sousa, \$50.

Recebeu procuração passada ao dr. Sobral de Campos, para tratar da defesa dos camaradas rurais do Vale de S. Tiago, dos quais já cinco camaradas se afincaram, restando actualmente na cadeia de Odíma 11 camaradas, para satisfação da burguesia local.

Foi restituído à liberdade o camarada António Pereira.

Reúne hoje, às 21, esta comissão.

Em liberdade

Foram hontem responder, sendo absolvidos, os quatro camaradas que foram expulsados na Calçada do Carmo, por alguns guardas republicanos, pelo simples motivo de um dos presos dizer para o outro: "Habita-te a conhecer o toque, porque brevemente lá estaremos na trópia."

Por carente a International.

Um grupo de empregados da Câmara procurou o presidente da Comissão Executiva, ao qual solicitou que visto se ter reconhecido pela sindicância que o empregado Torres apenas tinha sido negligente lhe fosse facilitado o pagamento da importância com que tinha de entrar permitindo-se-lhe que o fizesse em prestações.

O sr. dr. Alberto Vidal prometeu tratar do assunto junto da Comissão Executiva.

Mortes repentina

Um dia a autómóveis da Cruz Vermelha procurou o Necessário um desgostoso que faleceu subitamente entre Corcovado e Cascais.

Aparente ter 40 anos, estatura baixa, olhos claros, cabelo e bigode grisalhos e vestes calças de couro, casaco e colete preto as costas pretas com uma branca, botas amarelas e moitas de molas em cor.

Também foi conduzido para o Necessário um indivíduo que faleceu subitamente numa das ruas da Baixa, e que parece chamar-se Francisco Rodrigues.

Teatro S. Luiz
Antepenúltima representação de
O Pé de Mola
Tal caminhada já faz
O Pé de Mola, que até
Causa assombro a rapidez
Com que caminha um só pé!
Vendo-o correr tão afio!
Dir-se-ia que o Pé de Mola
Tem dois, tem quatro, tem oito,
Tem com pés... é centopeia!

Inquilinos, alerta!

Belezas da lei do inquilinato

Mais uma proesa dum senhorio, transformado à ultima hora de vaqueiro em proprietário.

E' o caso, a que já fizemos referência no nosso jornal, do sr. José Plácido de Almeida, novo dono do prédio n.º 90 e 91 da rua de S. Jerónimo, ter levado ao tribunal uma ação de despejo contra o inquilino que habita a loja do referido prédio há 25 anos, a pretexto de que lhe não pagara as rendas dos meses de Agosto e Setembro, no tempo devido. Ora, tudo isto é falso, porque o que se deu foi apenas por ignorância do inquilino que, em vez de depositar as importâncias que, por embarracamento, o senhorio não quis receber, ficou com elas em casa, o que motivou a esperteza do furbudo senhorio, que logo premeditou pô-lo na rua, para aumentar os seus proveitos. Anteciparam-se a queixa o seu epílogo, pois apareceram na loja da rua de S. Jerónimo alguns polícias que puseram na rua os trastes do locatário, que agora, dada a crise das habitações, não tem para onde ir. Belezas da lei do inquilinato.

Mas quando acabaremos nós com isto!

Uma façanha dum desses "beméritos" cidadãos

Na travessa de Santo António, à Graça, existe um prédio, que ocupa os números 21 a 25, que há pouco foi comprado por um sr. Delgado, pela quantia de 6 contos. Esse indivíduo, é proprietário de várias mercearias e, antes de comprar o prédio em questão, tinha alugado uma parte, onde ficar os caixeiros dos seus estabelecimentos, pelo que pagava uma renda mensal de 5 escudos. Pois agora, que é o proprietário, mandou sair os caixeiros, alugando os compartimentos que elas ocupavam por 16 escudos, obrigando-se ainda a novo inquilino a fazer obras, porque os antigos locatários deixaram os vários compartimentos na maior imundice.

En venham para cá dizer que a exploração que se está fazendo com a habitação, não é caso para desatarmos a gritar ó da guarda, a plenos pulmões!

Um senhor desumano

Na rua Sabino de Souza, num prédio de um carvoeiro, conhecido pelo Romão, residia o trabalhador do cemitério do Alto de S. João, Mafaldino da Graça, sua mulher Maria da Conceição Graça e duas filhas, Albertina, de 18 anos e Palmira de 17. Tendo-se o Graça, por dificuldade da vida atraçado no pagamento da renda da casa, o senhor despediu-o, e dando por esmola um pátio descoberto para pôr a mobília e ali ficar aquela infeliz família.

Toda a vizinhança não gostou da ação do miserável senhorio, e tantas coisas se disse do carvoeiro, que este, sem dô nem consciência os pôs fôra do pátio, indo a pôr a família dormir ao relento com a mobília para o fundo da referida rua, causando este facto um espécie de doloroso.

No caso devia ter intervindo a polícia, mas esta não dei providências, pois apenas se preocupa em perseguir os operários conscientes.

•••••

Perseguições governamentais

Comissão Pró-Presos por questões sociais

Tratou ontem, esta comissão, da situação dos camaradas presos, tendo de tarde, uma sub-comissão ao encontro do director da polícia de segurança do Estado, a quem mostrou um documento da comissão municipal republicana da Nazaré, que protesta contra a arbitrariedade praticada pelo administrador para com o camarada José Maria Robalo Júnior, esperando essa comissão que o referido camarada seja hoje remetido para aquela localidade,

Esta comissão recebeu da Associação dos Carpinteiros a quantia de 10\$000 com destino aos camaradas expulsos do Brasil e que ontem foram restituídos à liberdade.

Recebeu também, como auxílio, \$50 de rural Salema; da Associação dos Cortadores de Lisboa, \$6\$15, provenientes de uma queite efectuada na sessão do dia 30; de Claudio V. Lourenço, \$100; de A. P. A., \$100; de Alberto Müller, \$50 e de Francisco Lopes de Sousa, \$50.

Recebeu procuração passada ao dr. Sobral de Campos, para tratar da defesa dos camaradas rurais do Vale de S. Tiago, dos quais já cinco camaradas se afincaram, restando actualmente na cadeia de Odíma 11 camaradas, para satisfação da burguesia local.

Foi restituído à liberdade o camarada António Pereira.

Reúne hoje, às 21, esta comissão.

Em liberdade

Foram hontem responder, sendo absolvidos, os quatro camaradas que foram expulsados na Calçada do Carmo, por alguns guardas republicanos, pelo simples motivo de um dos presos dizer para o outro: "Habita-te a conhecer o toque, porque brevemente lá estaremos na trópia."

Por carente a International.

Um grupo de empregados da Câmara procurou o presidente da Comissão Executiva, ao qual solicitou que visto se ter reconhecido pela sindicância que o empregado Torres apenas tinha sido negligente lhe fosse facilitado o pagamento da importância com que tinha de entrar permitindo-se-lhe que o fizesse em prestações.

O sr. dr. Alberto Vidal prometeu tratar do assunto junto da Comissão Executiva.

•••••

Mortes repentina

Um dia a autómóveis da Cruz Vermelha procurou o Necessário um desgostoso que faleceu subitamente entre Corcovado e Cascais.

Aparente ter 40 anos, estatura baixa, olhos claros, cabelo e bigode grisalhos e vestes calças de couro, casaco e colete preto as costas pretas com uma branca, botas amarelas e moitas de molas em cor.

Também foi conduzido para o Necessário um indivíduo que faleceu subitamente numa das ruas da Baixa, e que parece chamar-se Francisco Rodrigues.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Classes Gráficas — Reunião ontem a comissão de melhoramentos das classes gráficas, tendo recebido várias adesões ao seu empreendimento, o que prova que a classe aceitou de bom grado a sua constituição.

Estão sendo distribuídos manifestos aos gráficos em que a comissão esboça muito de leve as suas intenções, sendo de esperar que a classe as tome na devida consideração. Juntamente estão sendo distribuídos umas listas para a inscrição de todos os trabalhadores da gráfica, que se destina a trabalhos futuros, para os quais essa inscrição é uma indispensável.

Empregados de Livrarias — A assembleia destas classes, tendo reunido ontem em sessão magna, na sede da Associação dos Caixeiros de Lisboa, resolviu o seguinte:

Dar, por agora, fundo as suas trabalhos de movimento pró-aumento de salário, satisfazendo-se com os aumentos efectuados;

Oficiar à direcção dos Caixeiros, agradecendo-lhe o esforço dispensado com o movimento;

Congratular-se com a imprensa que a coadjuvou na propaganda das reivindicações;

Acatar as resoluções da Associação dos Caixeiros e comissão mista, no que diz respeito ao decreto 5:50 sobre horário de trabalho.

•••••

Delegações e representantes do Sul e Sueste. Nesta mesma reunião, tratou-se de recompor a comissão organizadora do Congresso Ferroviário, cujos membros nomeados tomarão imediatamente posse.

União dos Sindicatos Operários de Lisboa — Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa, para assuntos urgentes.

Sindicato Único da Indústria Mobiliária — A comissão organizadora reúne na terça-feira, às 20 horas, juntamente com os delegados das associações de Lisboa, a fim de se iniciarem trabalhos de importância.

Marceneiros — Por falta de número, não reunir a comissão de melhoramentos, que é novamente convocada para a próxima terça-feira. Se não comparecerem todos os seus componentes, tomara-se-hão, apesar disso, as necessárias deliberações.

Pedreiros — Convidam-se as obras e as secções a enviarem cada uma um delegado a uma importante reunião que hoje se efectua pelas 17 horas e que bastante interesse reveste para a classe.

Inscritos Marítimos — A assembleia geral reúne hoje, pelas 19 horas, para tomar conhecimento das dívidas relativas a aumento de salários e reivindicações, assim como para tomar resoluções sobre o horário de trabalho.

•••••

Saudação dos Soviéticos

ROS SOCIALISTAS ITALIANOS

No Congresso socialista de Bolonha, foi lida a seguinte saudação da Comissão Central da República dos Soviéticos da Rússia:

"Caros camaradas! — Aproveitamos um ensejo na esperança de que cheguem vós estas poucas palavras. Em nome de toda a Rússia operária e campesina, da Rússia dos dois gloriosos anos de revolução comunista, enviamos uma saudação aos camaradas do Partido Socialista Italiano, ao Congresso daquele partido que foi um dos raros que permaneceram fiéis à Internacional, contrários à loucura guerra, sãos e vivos no espírito combativo do comunismo.

Sindicato Único da Indústria Mobiliária — Continua a comissão de melhoramentos das classes gráficas, a que se destinou a ação de protesto contra as insinuações da Capital e declarar que na sua sede não se tem efectuado quaisquer sessões secretas.

Secção da Construção Civil de Palma — A comissão de propaganda aprovou um artigo da Batalha acerca do aumento das rendas, resolvendo efectuar três sessões de protesto contra a classe.

•••••

CONVOCACÕES

Sindicato Único Metalúrgico — Por este Sindicato, obedecendo a uma resolução dos corpos gerentes, tem sido enviada a todos os sindicatos metalúrgicos do país uma acta de protesto contra a arbitrariedade praticada pelo administrador para com o camarada José Maria Robalo Júnior, esperando que esta comissão de protesto se manifeste no dia 20 e 21 de Julho, de óptimo sucesso, em favor da República dos Soviéticos.

O proletariado da república russa esperava que o dia 21 de Julho marcaria o fim da sua luta, mas chegaram-nos os avisos poucos momentos da vossa greve geral de 20 e 21 de Julho, de óptimo sucesso, em favor da República dos Soviéticos.

O proletariado da república russa esperava que o dia 21 de Julho marcaria o fim da sua luta, mas chegaram-nos os avisos poucos momentos da vossa greve geral de 20 e 21 de Julho, de óptimo sucesso, em favor da República dos Soviéticos.

•••••

Sindicato Único Metalúrgico — Por este Sindicato, obedecendo a uma resolução dos corpos gerentes, tem sido enviada a todos os sindicatos metalúrgicos do país uma acta de protesto contra a arbitrariedade pratic

CONTOS DE «A BATALHA»

O FANTASMA SCÉPTICO

A isocronomia do tic-tac dum despertador assente em um elegante étagere de madeira incrustada contrastava com as ressecas dos meus pensamentos redemoinhando no meu crânio em fogo.

A pequena e irrequieta chama da vela, hiria no gorgalo de uma garrucha a servir de cástiglo, consumia lentamente a falsificada steerina. Antes de me deitar, depois de trabalhar duramente para o patrão, tinha o hábito de ler um pouco, abrindo clariceiras de luz entre as trevas do meu cérebro, que a sociedade desprezou, não o examinando, nem o cultivando. Para quê? A sociedade precisa de brutos, quanto mais refinados melhor, porque é nêles que reside o seu apoio, a sua garantia, a sua força. Para não fugir à regra cotidiana, saquei de um livro, poisso em quatro tabus à guisa de estante improvisada, os seus esforços, cujo estoicismo sagrado apenas fica recordado na impressão negra dos livros. As multidões são esquecidas e incongruentes. Team um imenso livro aberto diante de si onde, apesar de analfabetos seculares, team constantemente o seu calvário doloroso, porque elas são o perpétuo Cristo legendaríamente tornado realidade pungente.

O seu livro, muito mais eloquente e confrangedor do que todos os contos que possam idealizar, é o livro dos próprios mártires sofridos, das suas próprias chagas abertas pelas agudas lanças da miséria, da fome e do luto, que devassam os seus lares e maltratam a sua prole. A sua vida miserável é uma animada e tormentosa novela de perpétua *masca ridens*, esboceita impiamente, dentro do seu próprio reduto, aristocracia, a riqueza *inspirada* na divindade, os *lords*, os senhores, os dominadores da Grã-Bretanha, defendendo os pobres, os miseráveis, para junto dos quais fôra arremessado, desde a tenra idade de dois anos, pelo tirano e sequestrador Jaques II—quando ia deliciar-me com tam soberbas e sublimes páginas, que evocam uma epopeia de dor e um gesto de revolta colossal, entre elas —coitado—esborrachada, deparou-me-eme uma barata que imprevidentemente ali fôra morrer. Este croptor coagiu-me a raciocinar, concentrada e profundamente, principiando a vê-nos à humanidade sofrida, entalada igualmente nos in-félos das convenções que regulam o desrambado funcionamento da sociedade, com os seus códigos e projectos, o seu *Devenir-Haver*, as suas *contas-correntes* e os seus *borrões* preventivos...

Febrilmente, pensi escrever um conto, gênero gorjante, intentando despertar a sensibilidade dum mundo que se diverte acotovelando-se, ao qual lhe apontaria a maré vasa do seu ócio social, cuja massa luctuosa ameaça um dia extravasar a pia do desespero e despultrar-nos a todos num asfixia dolorosa, afogando-nos, irremediavelmente, num mar de sangue. Envia-lo-a depois para o jornal de..., não para concorrer ao concurso dos seus contos literários, na mira de um diploma de mérito, que eu despeço, mas para, aproveitando aquela circunstância, prodigiar aos leitores afetos às novelas de amor sangrento, de adulterios vingados, de sécias concubínias e outras leviadas, de efeitos contraprodutivos, uma prosa sem a técnica dos mestres em literatura, mas cheia de moral, de exemplos edificantes, não entretendo e embrutecendo o espírito, mas despenando-o, educando-o, pondo-o mais ao corrente da vida real, em confronto com a desigualdade dos homens e das suas leis. Um conto, por minuscuno que ele seja, assemelha-se a uma partitura de Mozart ou de Beethoven; enquanto a música dos consagrados *maestros* faz desfazer, nos variados instrumentos, notórias pernas de harmonia, de ritmo, de suavidade tocante, o livro do escritor faz vibrar as idéias, os pensamentos, os belos conceitos, cantando-nos a marcha da Transformação das Coisas, da Revolução das Artes e das Ciências, dos Costumes e das Sociedades.

Tinha já algumas linhas escritas quando, de um dos cantos do meu quarto, onde os reflexos da vela mal tocavam, parti uma garrucha, estridula, tenso-menal, que me fez tremer, como um caule açoitado por uma rajada ventânia, e deixar cair a pena da mão, que imprimiu-lhe um borrão no linguado que trasejava. Não pareces avias via sombras bálicoas e disformes, que mais disformes ainda se tornavam com as manchas salitrosas pintadas no reboco pela humidade das chuvas de inverno. E todavia, uma voz sobrenatural, igual àquela que dizem ter os espíritos existentes Além-Vida, segundo os românticos misteriosos dos célebres blaguistas, atirou-me, a queima-roupa, com esta irônica pergunta:

— Quem escreves tu, ó porto-íngénio? — Quem me interrompe e onde se oculta o im-potuno? — indaguei, frio como um cadáver.

— Amigo! pertence ao reino da Abs-tracta, sou invisível e tenho uma ini-cia-dade de nomes que seria fastidioso enumerar. Dize-me: é Sobre que tencio-nas escrever?

— Sobre moral. — Com que fim?

— Para comover a sociedade, impe-ndendo-a olhar para o fundo das suas iniquidades...

— Desgraçado! A sociedade nunca se comoveu com o que tem visto pelas ruas, todas as horas e todos os dias, quanto mais com o que possas dizer no seu arrazoado, sem tintas, sem cór, sem expressão, sem aquele fundo ideal e aquela cincun- divina que mil sentimen-talistas gastam em suas obras magis-trais, sem outro resultado que não fôsse de enriquecer os livrarias e divertir os poucos ricos que os compraram por engano... Para onde escreves?

— Para o jordal de... que, infeliz-mente, é bastante, lido pelo proletaria-to...

— Oh! Esse jornal é porta-voz da burguesia: não aceita a tua prosa. Vive da imo-aliade e todo o seu encanto e inter-esse é alimentá-la. A mentira é a sua norma, a ignorância e o seu fim. Hor-rível paradoxo! Procura sempre sepa-rar o povo das frecas, acendendo o facho da trapalhice! E' curioso, mas é verdadeiro. A imprensa, a que nós cha-mamos burguesa, não procura esclarecer as consciências, mas obliterá-las, ensina o que não prejudica a sociedade que defende, e o resto guarda para si. O teu escrito era um atentado às con-vicções e à ordem, uma censura à sua vida depravada; era um punhal brandido por inimigos de revoltado que ve-mo. Ora ela defende a ordem e os seus conseqüentes crimes. Considera-los, pois, um doido, e, se te não

A BATALHA NO PORTO

Reúne a U. S. O. P.—O secretário geral da C. G. T. vai ao Porto—A Associação Comercial dos Lo-jistas quer entender-se com a U. S. O. a respeito da carestia da vida—Carregadores e descarre-gadores de terra e mar presos como bolxevis-tas—Um protesto—Nomeação de comissões—Fala-se na criação de um C. J. no norte

mandasse meter na cadeia, colocar-te-ia os teus personagens e exemplos, delineados nas tiras de papel paciente-mente escritas, no prego de uma senti-va...

— Se tal suceder, editarei o meu con-to e espalha-lo-ho pelas multidões... Nunca é trabalho em vão...

Oviu uma garralhada, menos violenta que a primeira. E, após um canto silêncio, passando pela minha imaginação a história viscosas de desesperados a padrem pão e felicidade, o fantasma arreou:

— As multidões!... Elas pouco caso tem feito dos vossos ditirampos e pouco tem reparado nas nossas abne-gações. Os mártires da ideologia tem sido pouco, ou nada, correspondidos aos seus esforços, cujo estoicismo sagrado apenas fica recordado na impressão negra dos livros. As multidões são esquecidas e incongruentes. Team um imenso livro aberto diante de si onde, apesar de analfabetos seculares, team constantemente o seu calvário doloroso, porque elas são o perpétuo Cristo legendaríamente tornado realidade pungente.

O seu livro, muito mais eloquente e confrangedor do que todos os contos que possam idealizar, é o livro dos próprios mártires sofridos, das suas próprias chagas abertas pelas agudas lanças da miséria, da fome e do luto, que devassam os seus lares e maltratam a sua prole. A sua vida miserável é uma animada e tormentosa novela de perpétua *masca ridens*, esboceita impiamente, dentro do seu próprio reduto, aristocracia, a riqueza *inspirada* na divindade, os *lords*, os senhores, os dominadores da Grã-Bretanha, defendendo os pobres, os miseráveis, para junto dos quais fôra arremessado, desde a tenra idade de dois anos, pelo tirano e sequestrador Jaques II—quando ia deliciar-me com tam soberbas e sublimes páginas, que evocam uma epopeia de dor e um gesto de revolta colossal, entre elas —coitado—esborrachada, deparou-me-eme uma barata que imprevidentemente ali fôra morrer. Este croptor coagiu-me a raciocinar, concentrada e profundamente, principiando a vê-nos à humanidade sofrida, entalada igualmente nos in-félos das convenções que regulam o desrambado funcionamento da sociedade, com os seus códigos e projectos, o seu *Devenir-Haver*, as suas *contas-correntes* e os seus *borrões* preventivos...

Febrilmente, pensi escrever um conto, gênero gorjante, intentando despertar a sensibilidade dum mundo que se diverte acotovelando-se, ao qual lhe apontaria a maré vasa do seu ócio social, cuja massa luctuosa ameaça um dia extravasar a pia do desespero e despultrar-nos a todos num asfixia dolorosa, afogando-nos, irremediavelmente, num mar de sangue. Envia-lo-a depois para o jornal de..., não para concorrer ao concurso dos seus contos literários, na mira de um diploma de mérito, que eu despeço, mas para, aproveitando aquela circunstância, prodigiar aos leitores afetos às novelas de amor sangrento, de adulterios vingados, de sécias concubínias e outras leviadas, de efeitos contraprodutivos, uma prosa sem a técnica dos mestres em literatura, mas cheia de moral, de exemplos edificantes, não entretendo e embrutecendo o espírito, mas despenando-o, educando-o, pondo-o mais ao corrente da vida real, em confronto com a desigualdade dos homens e das suas leis. Um conto, por minuscuno que ele seja, assemelha-se a uma partitura de Mozart ou de Beethoven; enquanto a música dos consagrados *maestros* faz desfazer, nos variados instrumentos, notórias pernas de harmonia, de ritmo, de suavidade tocante, o livro do escritor faz vibrar as idéias, os pensamentos, os belos conceitos, cantando-nos a marcha da Transformação das Coisas, da Revolução das Artes e das Ciências, dos Costumes e das Sociedades.

Tinha já algumas linhas escritas quando, de um dos cantos do meu quarto, onde os reflexos da vela mal tocavam, parti uma garrucha, estridula, tenso-menal, que me fez tremer, como um caule açoitado por uma rajada ventânia, e deixar cair a pena da mão, que imprimiu-lhe um borrão no linguado que trasejava. Não pareces avias via sombras bálicoas e disformes, que mais disformes ainda se tornavam com as manchas salitrosas pintadas no reboco pela humidade das chuvas de inverno. E todavia, uma voz sobrenatural, igual àquela que dizem ter os espíritos existentes Além-Vida, segundo os românticos misteriosos dos célebres blaguistas, atirou-me, a queima-roupa, com esta irônica pergunta:

— Quem escreves tu, ó porto-íngénio? — Quem me interrompe e onde se oculta o im-potuno? — indaguei, frio como um cadáver.

— Amigo! pertence ao reino da Abs-tracta, sou invisível e tenho uma ini-cia-dade de nomes que seria fastidioso enumerar. Dize-me: é Sobre que tencio-nas escrever?

— Sobre moral. — Com que fim?

— Para comover a sociedade, impe-ndendo-a olhar para o fundo das suas iniquidades...

— Desgraçado! A sociedade nunca se comoveu com o que tem visto pelas ruas, todas as horas e todos os dias, quanto mais com o que possas dizer no seu arrazoado, sem tintas, sem cór, sem expressão, sem aquele fundo ideal e aquela cincun- divina que mil sentimen-talistas gastam em suas obras magis-trais, sem outro resultado que não fôsse de enriquecer os livrarias e divertir os poucos ricos que os compraram por engano... Para onde escreves?

— Para o jordal de... que, infeliz-mente, é bastante, lido pelo proletaria-to...

— Oh! Esse jornal é porta-voz da burguesia: não aceita a tua prosa. Vive da imo-aliade e todo o seu encanto e inter-esse é alimentá-la. A mentira é a sua norma, a ignorância e o seu fim. Hor-rível paradoxo! Procura sempre sepa-rar o povo das frecas, acendendo o facho da trapalhice! E' curioso, mas é verdadeiro. A imprensa, a que nós cha-mamos burguesa, não procura esclarecer as consciências, mas obliterá-las, ensina o que não prejudica a sociedade que defende, e o resto guarda para si. O teu escrito era um atentado às con-vicções e à ordem, uma censura à sua vida depravada; era um punhal brandido por inimigos de revoltado que ve-mo. Ora ela defende a ordem e os seus conseqüentes crimes. Considera-los, pois, um doido, e, se te não

Os operários da indústria do móbiliário reclamam aumento de salário

A convite da Comissão Pró-aumento de salário, reuniram as classes perten-centes à indústria de mobiliário. Deba-tido suficientemente o assunto, que é uma continuação de anteriores assem-bleias magnas, ficou resolvido ser reclamado um aumento de 50% nos sa-lários.

A União Ferro-Viária e os politi-cos

A propósito de umas frases proferidas pelo político José Pinto Torres, no Congresso do P. R. P., a União Ferro-Viária (Associação de Classe) declarou que nada recomendou àquele senhor para que defendesse o pessoal do Mi-nho e Douro no mencionado Congresso político, motivo porque enviou para o ministro do Comércio e Conselho de Administração os seguintes telegramas:

— Ex-mr. Ministro Comércio e Transportes—Lisboa—A União Ferro-Viária (Associação de Classe) e legião representativa dos Ferro-Viários do Minho e Douro tendo o direito conhecimento pelos jornais desta cidade das apreciações feitas pelo sr. José Pinto Torres, na 2.ª sessão do Congresso do Partido Republicano Português, declarou que aquela classe não pode e que esta classe deve distribuir para Educação, para a cultura e para a saúde os resultados da exploração das estradas de ferro.

— Ex-mr. Ministro Comércio e Transportes—Lisboa—A União Ferro-Viária (Associação de Classe) e legião representativa dos Ferro-Viários do Minho e Douro tendo o direito conhecimento pelos jornais desta cidade das apreciações feitas pelo sr. José Pinto Torres, na 2.ª sessão do Congresso do Partido Republicano Português, declarou que aquela classe não pode e que esta classe deve distribuir para Educação, para a cultura e para a saúde os resultados da exploração das estradas de ferro.

— Ex-mr. Ministro Comércio e Transportes—Lisboa—A União Ferro-Viária (Associação de Classe) e legião representativa dos Ferro-Viários do Minho e Douro tendo o direito conhecimento pelos jornais desta cidade das apreciações feitas pelo sr. José Pinto Torres, na 2.ª sessão do Congresso do Partido Republicano Português, declarou que aquela classe não pode e que esta classe deve distribuir para Educação, para a cultura e para a saúde os resultados da exploração das estradas de ferro.

— Ex-mr. Ministro Comércio e Transportes—Lisboa—A União Ferro-Viária (Associação de Classe) e legião representativa dos Ferro-Viários do Minho e Douro tendo o direito conhecimento pelos jornais desta cidade das apreciações feitas pelo sr. José Pinto Torres, na 2.ª sessão do Congresso do Partido Republicano Português, declarou que aquela classe não pode e que esta classe deve distribuir para Educação, para a cultura e para a saúde os resultados da exploração das estradas de ferro.

— Ex-mr. Ministro Comércio e Transportes—Lisboa—A União Ferro-Viária (Associação de Classe) e legião representativa dos Ferro-Viários do Minho e Douro tendo o direito conhecimento pelos jornais desta cidade das apreciações feitas pelo sr. José Pinto Torres, na 2.ª sessão do Congresso do Partido Republicano Português, declarou que aquela classe não pode e que esta classe deve distribuir para Educação, para a cultura e para a saúde os resultados da exploração das estradas de ferro.

— Ex-mr. Ministro Comércio e Transportes—Lisboa—A União Ferro-Viária (Associação de Classe) e legião representativa dos Ferro-Viários do Minho e Douro tendo o direito conhecimento pelos jornais desta cidade das apreciações feitas pelo sr. José Pinto Torres, na 2.ª sessão do Congresso do Partido Republicano Português, declarou que aquela classe não pode e que esta classe deve distribuir para Educação, para a cultura e para a saúde os resultados da exploração das estradas de ferro.

— Ex-mr. Ministro Comércio e Transportes—Lisboa—A União Ferro-Viária (Associação de Classe) e legião representativa dos Ferro-Viários do Minho e Douro tendo o direito conhecimento pelos jornais desta cidade das apreciações feitas pelo sr. José Pinto Torres, na 2.ª sessão do Congresso do Partido Republicano Português, declarou que aquela classe não pode e que esta classe deve distribuir para Educação, para a cultura e para a saúde os resultados da exploração das estradas de ferro.

— Ex-mr. Ministro Comércio e Transportes—Lisboa—A União Ferro-Viária (Associação de Classe) e legião representativa dos Ferro-Viários do Minho e Douro tendo o direito conhecimento pelos jornais desta cidade das apreciações feitas pelo sr. José Pinto Torres, na 2.ª sessão do Congresso do Partido Republicano Português, declarou que aquela classe não pode e que esta classe deve distribuir para Educação, para a cultura e para a saúde os resultados da exploração das estradas de ferro.

— Ex-mr. Ministro Comércio e Transportes—Lisboa—A União Ferro-Viária (Associação de Classe) e legião representativa dos Ferro-Viários do Minho e Douro tendo o direito conhecimento pelos jornais desta cidade das apreciações feitas pelo sr. José Pinto Torres, na 2.ª sessão do Congresso do Partido Republicano Português, declarou que aquela classe não pode e que esta classe deve distribuir para Educação, para a cultura e para a saúde os resultados da exploração das estradas de ferro.

— Ex-mr. Ministro Comércio e Transportes—Lisboa—A União Ferro-Viária (Associação de Classe) e legião representativa dos Ferro-Viários do Minho e Douro tendo o direito conhecimento pelos jornais desta cidade das apreciações feitas pelo sr. José Pinto Torres, na 2.ª sessão do Congresso do Partido Republicano Português, declarou que aquela classe não pode e que esta classe deve distribuir para Educação, para a cultura e para a saúde os resultados da exploração das estradas de ferro.

— Ex-mr. Ministro Comércio e Transportes—Lisboa—A União Ferro-Viária (Associação de Classe) e legião representativa dos Ferro-Viários do Minho e Douro tendo o direito conhecimento pelos jornais desta cidade das apreciações feitas pelo sr. José Pinto Torres, na 2.ª sessão do Congresso do Partido Republicano Português, declarou que aquela classe não pode e que esta classe deve distribuir para Educação, para a cultura e para a saúde os resultados da exploração das estradas de ferro.

— Ex-mr. Ministro Comércio e Transportes—Lisboa—A União Ferro-Viária (Associação de Classe) e legião representativa dos Ferro-Viários do Minho e Douro tendo o direito conhecimento pelos jornais desta cidade das apreciações feitas pelo sr. José Pinto Torres, na 2.ª sessão do Congresso do Partido Republicano Português, declarou que aquela classe não pode e que esta classe deve distribuir para Educação, para a cultura e para a saúde os resultados da exploração das estradas de ferro.

— Ex-mr. Ministro Comércio e Transportes—Lisboa—A União Ferro-Viária (Associação de Classe) e legião representativa dos Ferro-Viários do Minho e Douro tendo o direito conhecimento pelos jornais desta cidade das apreciações feitas pelo sr. José Pinto Torres, na 2.ª sessão do Congresso do Partido Republicano Português, declarou que aquela classe não pode e que esta classe deve distribuir para Educação, para a cultura e para a saúde os resultados da exploração das estradas de ferro.

— Ex-mr. Ministro Comércio e Transportes—Lisboa—A União Ferro-Viária (Associação de Classe) e legião representativa dos Ferro-Viários do Minho e Douro tendo o direito conhecimento pelos jornais desta cidade das apreciações feitas pelo sr. José Pinto Torres, na 2.ª sessão do Congresso do Partido Republicano Português, declarou que aquela classe não pode e que esta classe deve distribuir para Educação, para a cultura e para a saúde os resultados da exploração das estradas de ferro.

— Ex-mr. Ministro Comércio e Transportes—Lisboa—A União Ferro-Viária (Associação de Classe) e legião representativa dos Ferro-Viários do Minho e Douro tendo o direito conhecimento pelos jornais desta cidade das aprecia

O CALVÁRIO

POR
OCTAUE MIRBEAU

VIII

Célestine, com os seus dedos moles e flacidos, cosia à gola de um corpete, uma tira de *crêpe lisse*, e um homem, que eu não conhecia, meio deitado sobre o divan e com as pernas traçadas, olhava Juliette, com olhos onde brilhava o desejo... O gaz arde, as velas brilham; um ramo de rosas que, nesse instante, acabam de trazer, confunde o seu perfume discreto com os odores violentos do *toilette!* Juliette pega numa rosa, torce-lhe a haste, compõe-lhe as folhas e coloca-a na boleira do homem, sorrindo ternamente... Um pequeno chapéu, cujas fitas pendem, ostenta-se alto num de candlelabro.

E o comboio marcha, sopra, resfoga... A noite é sempre negra, e eu afundo-me no nada.

IX

Deitado de bruços sobre a duna, com os cotovelos encostados na areia, a cabe-

ça apoiada nas mãos, a vista perdida ao longe, eu, sonho... Em frente de mim está o mar imenso e glauco, raiado de grandes sombras violeta, lavrado pelas vagas profundas, cujas cristas, baloçando-se, aqui e ali, embranquecem. Os recifes da Gamelle que, de tempos a tempos, descobrem as pontas sombrias das suas rochas, enviam-me ruídos surdos de canhoneiro longínquo. Ontem, a tempestade havia-se desencaçado; hoje o vento amainou, mas o mar não se resigna ainda com a calmaria. A onda avança, cresce, rola, sobe, sacode as suas retorcidas crineiras de escuma, rebenta com fragor e cae esmagada, aniquilada, sobre os recifes, com um formidável grito de cólera.

Apeas de o céu estar tranquilo, o azul mostra-se entre farrapos de nuvens arrastados pelo vento, e as gaivotas voam muito alto no céu. As chalupas deixaram o porto; afastam-se, diminuem, dispersam-se, apagam-se, desaparecem...

A minha direita, dominada pelas dunas, a praia estende-se até Ploc'h, divizando-se atraç de uma dobra de terreno e sobre um fundo de verdura triste, o tecto das primeiras casas, o campanário de pedra, e depois o cais, enorme molhe de granito, em cuja extensão se eleva o farol... Para além do cais, a vista adivinha espacos indecisos, praias coloridas, encostadas argenteas, ribas de um azul suave, polvilhadas de névoas e tam leves como vapores. E sempre o mar, e sempre o céu, que se confundem, lá ao fim, no misterioso e pungente esbatido das coisas...

A minha esquerda, a duna, onde variados arbustos ostentam corimbos de flores purpurinas, termina bruscamente, o terreno eleva-se, escarpa-se, e os rochedos amontoam-se, escalavrados, abrigando as guecas de cavernas fuligineas, ou enterrando se no mar, fendo-o violentamente, como prós de navios gigantes. Para além, aliás, a praia; o mar, apertado contra a costa, bate o flanco dos rochedos, salta, ruga sem cessar, furioso e branco de espuma. E a costa alonga-se, golpeada, cortada de barrancos, minada pelo esforço eterno das vagas, desmoronando-se aqui em monstruoso caos, levantando-se acolá e cortando o céu em silhuetas inquietadoras. Por sobre mim voam bandos de pintoroxos, e o vento traz-me, por sobre a costa das ondas, o queixume dos marcos reais.

E' para aqui que todos os dias venho... Quer chova ou faça vento, ulule ou descanse o mar, esteja claro ou sombrio, eu para aqui venho... Não porque estes espetáculos me enternecam ou me impressionem; não é porque eu receba desta natureza horrível e encantadora uma consolação. Odio esta natureza; odio o mar, odio o céu, a natureza que passa, o vento que sopra, a ave que esvoaça pelo ar; odio tudo que me cerca, e tudo que vejo, e tudo que escuto. Venho aqui, por hábito, impelido pelo instinto que leva os animais para os sítios que lhes são conhecidos. Semelhante à lebre, cavo o meu covil sobre esta areia e para aqui volto sempre...

Sobre a areia ou sobre o musgo, à som-

bra das florestas, no fundo das cavernas, ou no sol das praias solitárias, é tudo o mesmo... Onde pode, então, o homem que sofre encontrar um abrigo... Onde está, então, a voz que nos acalma?... Onde, a piedade que enxuga os olhos dos que choram?... Ah! Eu conheço-os, os meus, os meus amigos, as alvoradas castas, as tardes pensativas e as noites estreladas... Os reconfortos onde a alma se dilata, onde as dores se fundem. Ah! conheço-os! Mas para além da linha do horizonte, para além deste mar, não há países iguais aos outros?... Não há homens, arvores, rios?... Em parte alguma o repouso, em parte alguma o sítio... Morrer!... mas quem me diz que a lembrança de Juliette não irá misturar-se com os vermes, para me devorar?...

Em um dia de tempestade, vi a morte frete a frente, chameia-a. Mas ela desvolve-se... Ponpou-me, a mim que para nada sirvo, que não sou útil a ninguém; a mim, para quem a vida é mais torturante do que a ferrea goilhia do condenado e a grilheta do forçado. E levou um homem robusto, corajoso e bom, que uns pobres seres esperavam!... Sim, o mar, uma vez, agarrou-me, enlaçou-me nas suas vagas, e, ao canto da praia, como se eu fosse indigno de desaparecer nele.

As nuvens esfarrapam-se, cada vez mais brancas; o sol cai em chuva brilhante sobre o mar, cujo verde se adança em cambiantes, manchando-se de orro, tingindo-se de opala, e, junto da riba, por sobre a linha espumante, mati-

zando-se de todos os tons da rosa e do branco. Os reflexos do céu, que a onda toca no infinito, e corta, em inúmeros traços de luz, miram-se na superfície tormentosa...

Por detrás do molhe, a mastrecação esguia de um barco, rebocado por homens alando sobre a bolina, desliza lentamente, depois aparece o casco, as velas, içadas inflam, e pouco a pouco, o barco afasta-se, dançando sobre as vagas... Ao longo da praia, a vidente das obre, vê-se um pescador apressado, e logo outros que chegam, correndo, com as pernas nuas, chapinhando nas poças e levantando prendas revestidas de algas, à procura de cabos e de caranguejos... O Largo é já apenas uma nôdoa pardacenta no horizonte, cuja linha se estende, envolvendo-se em uma bruma nacarada...

E há dois meses que estou aqui... Dois meses... Tenho percorrido os caminhos, os campos, os matagais; conhecido todos os tuíos de erva, todas as pedras, todas as cruzes que velam nas encruzilhadas... Igual a qualquer vagabundo, tenho dormido nos fossos, com os membros enteirados pelo frio; tenho-me deitado nas rochas, sobre camas de musgo húmido. Percorri as praias e as penedas, cego pela areia, fustigado pelo nevoeiro, aturdido pelo vento; com as mãos ensanguentadas, os joelhos rasgados, tenho transposto os rochedos inacessíveis aos homens e só frequentados por albatrozes; tenho passado no mar noites trágicas, e, no esparto da morte, vi os marinheiros ben-

zerem-se; tenho removido blocos enormes, e, com água pela cintura, pesquei já nas correntes perigosas; tenho trepado às arvores, e tenho removido profundamente a terra, a golpes de enxada. O povo julgava-me doido... Os meus braços estavam extenuados... A minha carne mortificada... Pois bem! Nem um minuto, nem um segundo, o amor me abandona; ao contrário, mais me domina... Sinto que me estanguula, que me esmagá o cérebro, me deslaca o peito, me rœ o coração, me escala as veias... Sou um pequeno animal, a que uma dominha se atira; role-me pelo chão, debato-me desesperadamente para escapar das suas unhas; mas a dominha segura-me e não me larga... Para que parti eu?... Não podia esconder-me no fundo do quarto de um hotel... Juliette iria ali, de tempos a tempos; nenhuma sabedoria da milha existência, e, nessa sombra, teria gosado alegrias abomináveis e divinas... Lirat falou-me de honra, e de amor, e eu acredithei... Disse-me: «A Natureza te consolará...» E eu acreditei... Lirat mentiu... A Natureza não tem alma. Dedicado, por completo, à sua eterna obra de destruição, só me inspira pensamentos de crime e de morte. Nunca se debruçou sobre a minha fronte ardente para a refrescar, sobre o meu peito ofegante para o acalmar... E o infinito aproximou-me da morte... Agora não resiste mais, e, vencido, abandono-me ao sofrimento, sem querer tentar afastá-lo...

Que o sol se levante em alvoradas vermelhas, que se esconde em purpura-

ras, que o mar desenrole as suas pernas, que tudo brilhe, cante e se encha de perfume; eu não quero ver nada, não quero ouvir nada... Não querer o vê senão Juliette, na forma fugitiva da nuvem; só quero ouvir Juliette, na queixa errante do vento. Quero matar-me a estreitar a sua imagem, nas coisas...

Vejo-a no Bois, sorridente, feliz da sua liberdade; vejo-a, pavoneando-se nos camarotes dos teatros; vejo-a, sobre tudo, à noite, no seu quarto. Horrificando entendo e saindo, todos refastelados de amor! Ao clarão da lampada, sombras obscenas dançam, com esgares, os espasmos, sufocam-se na sua almoada, e, com os olhos amortecidos, a boca em rémimos, ela oferece a todas as luxúrias o seu corpo nunca saciado de prazer. Com a cabeça em fogo, enterrando as unhas na garganta, eu grido: «Juliette! Juliette!» como se fosse possível que Juliette me ouvisse, através do espelho. «Juliette! Juliette!» Os gritos das gaivotas e a voz trovejante dos rochedos, só me respondem: «Juliette! Juliette!»

E a noite desce... As brumas elevam-se rosadas e vaporosas, envolvendo a costa e a aldeia, enquantos o cais, quase negro, semela o casco de um grande navio desmastroado; o sol inclina-se para o mar o seu globo de cobre, trazendo sobre a superfície imensa uma estrada de luz marulhosa e ensanguentada.

(Continua).

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mescas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco do Arco do Marquês de Alegrete, 56, 58



ESPECIALIDADE
EM CHAPEUS

DE SEDA

E

FLAMÃO

PAPELARIA

Viuva de Manuel
da Costa Marques
& C. Limitada

Rua do Ouro, 36

Telefone 2.676-C.

COMPLETO SORTIDO
DE ARTIGOS PARA ES-
CRITÓRIO

623

TUBO de chum- bo novo pa- ra Água e Gás.

Tubo de ferro fundido para alargamentos de 4".

Zinco em barra para galvanização de cavaletes. Aço francês especial para minas 1" 1/4 círculo.

Rodas Douaville novas.

Prancheta de ferro 1" X 3/16.

Meia cana 1" 1/2 X 1/2.

Folhas novas de mo-
las.

Vergalhão de ferro no-
vo 1" 3/4 quadrado.

Ferragem diversa pa-
ra navios.

Paus de carga.

Um motor a gás pobre completo Stoerport 30 HP.

Serra circular com
mesa de ferro.

Uma ventoinha 7" 3/4.

Dois enfardadeiras para palha.

Uma enfardadeira pa-
ra cortiça.

Madeira para cal-
cas de exportação.

Taboado diverso.

Cimento marca TE-
NAZ.

Carbureto A e B.

Vende: A. B. dos
Reis.

Cais do Sodré, n.º 52—
Tel: C. 4317.

NOTAS & COMENTÁRIOS

por PERFEITO DE CARVALHO

Recebem-se pedidos na administração

da Batalha.

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos
de 30 de Novembro de 1894

Leilão

Em 12 de Novembro próximo futuro e dias seguintes às 10 horas da manhã, interessados de todos os países, Cassiano C. de Cunha & Subordinados, Sucessores, na estação desta Companhia em Lisboa, Cais dos Sodados, e em virtude do Aviso no Público B. 2901 de 14 de Março de 1918, e do Artigo H.3 da Taria Geral, proceder-se-á a leilão em hasta pública das mercadorias recausadas, e os respectivos preços bem como de outros valores não reclamados.

Assisa-se, portanto, os respectivos consignatários, de que poderão ainda retirar os pagando o seu débito à Companhia, ou que deverão dirigir-se à Repartição da Cais dos Sodados, todos os dias úteis ate 11 do referido mês de Novembro inclusive, das 10 às 18 horas.

Lisboa, 23 de Outubro de 1919.

O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita

Concurso para enfermeiros

Porante o Serviço de Saúde desta Companhia está aberto por 15 dias, a contar da data de destaque, anúncio, o concurso documental e provas práticas para provimento de lugares de enfermeiro com o vencimento de 4500 mensais com casa de residência ou respectivo abono de 3000 anuais.

As condições e os direitos devem ser puderem o Ofício do ministro Serviço na estação de Santa Apolónia, das 10 às 17 horas.

O Director Geral da Companhia, (a) Ferreira de Mesquita.

AVISO AO PÚBLICO

Remessas de trapo

Desde a data de destaque, e até novo empreendimento, as lojas de Cerveira, até Espinho, ambas inclusivas, poderão aceitar remessas de trapo com destino as estações das linhas portuguesas sem apresentação de documento que prove ter sido desinfetado.

Fica pelo presente anulado o Aviso ao Público B. 2899 de 10 de Fevereiro de 1913.

Lisboa, 21 de Outubro de 1919.

O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

“Garantia”

As Valentes e PERAS

Para a rapaziada
Mais de dez mil pares
de botas

Botas brancas as Valentes para a rapaziada

75500, 95250 e 95750.

Botas pretas ou de cós a 6750, 87500, 95750.

Sapatos em pelica para senhora a 67500, 125000, 135500 e 155000.

Sapatos em pelica-vermiz para senhora a 115000, 125000 e 145000.



Grande variedade de calçado de luxo para senhora, homem e criança